

■	Nota inicial	11
	Sobre a invasão do abstrato na Europa	15

Cadern ■—————■ **1**

	13 Breves Notas sobre os Tempos	21
	Saída de emergência	22
	Versos	24
	Velocidade	25
	Fundamentalismos	27
	5 não é 5 não é 5 não é 5	30
	Moral da máquina — ou o oitavo pecado	32
	Salvação	34
	Coragem e bondade	36
	Valores morais — e o que está no meio	38
	Palavras más	40
	A apatia	42
	As perguntas humanas	44
	O que aí vem — pés, olhos	46

Cadern ■—————■ **2**

	130 Breves Notas Delirantes-ó-Científicas sobre Arquitetura	51
--	--	-----------

Cadern ■—————■ **3**

	Museus Imaginários	133
	Sobre o museu	135
	1. Museu em declive acentuado	136
	2. Museu vertical em forma de Babel	137

3. Museu horizontal no x, museu vertical no y	138
4. Museu gentil	139
5. Museu-obra (os muitos museus-obra)	140
6. Museu de um dia	141
7. Museu portátil	142
8. Museu aéreo	144
9. Museu para rastejantes	145
10. Museu-de-joelhos	146
11. Museu das velocidades	147
12. Museu para derrotados e outros museus	148
13. Museu-aparição	149
14. Museu distribuído	150
15. Museu das saídas	151
16. Museu noturno	152
17. Museu de coisas desaparecidas	154
18. Museu que se anuncia por altifalante	155
19. Museu imaginário da Europa	156

Museu Imaginário da Europa	161
Estudos, Esquícios, Ideias e Desvios	
1. França: A casa das luzes	173
2. Espanha: A casa em (des)construção	181
3. Suécia: A casa com vista para a vida	189
4. Alemanha: A casa da floresta em construção	197
5. Finlândia: A casa do lago e da jarra	205
6. Polónia: A casa da Era Líquida	213
7. Itália: A casa com vista para o céu	221
8. Roménia: A casa (dos afetos) sem fim	229
9. Grécia: A casa da democracia	237
10. Bulgária: A casa viva	245
11. Hungria: A casa dos olhos e das mãos	253
12. Portugal: A casa portuguesa	261
13. Áustria: A casa da pauta habitada	269

14. Chéquia: A casa com impressões	277
15. Irlanda: A casa do lado	285
16. Lituânia: A casa do centro da Europa	293
17. Letônia: A casa-tear	301
18. Croácia: A casa de luz	309
19. Eslováquia: A casa do corpo e da escrita	317
20. Estônia: A casa da árvore em jogo	325
21. Dinamarca: A casa do Leg Godt (Brincar Bem)	333
22. Países Baixos: A casa neoplasticista	341
23. Bélgica: Isto não é uma casa!	349
24. Eslovênia: A casa da torre, da dobra e da colmeia	357
25. Chipre: A casa no coração do corpo e da terra	365
26. Luxemburgo: A casamata	373
27. Malta: A casa em cruz	381

Outras Ideias	399
Textos, Desenhos e Fragmentos	
E a princípio era o traço, claro	401
Interior e Exterior	413
Sobre a arte da habitação	421
Poesia e arquitetura; espaço e rima	425
Arquitetura, Natureza e Amor	427
Uma arquitetura e um corpo	439
...	





Cadern

13 Breves Notas sobre os Tempos

1

Saída de emergência

«Deves é mudar de alma, não de clima.
[...] Andares de um lado para o outro não te
ajuda em nada, porque andas sempre na tua
própria companhia.»

Sêneca

Sempre que, antes da descolagem de um avião, se escuta: *Preste atenção que a saída de emergência pode estar nas suas costas*, sentimos que se está a falar não das medidas de segurança no caso de um acidente, mas da existência no geral.

Existência individual e da sociedade.

A Europa embarcou há muitos anos e, em qualquer momento, continuarão a ouvir-se os conselhos de segurança: *Preste atenção que a saída de emergência pode estar nas suas costas*. E há quem aponte outras saídas.

Numa variação de célebres paradoxos, poderemos dizer que um continente ou um homem que estejam equidistantes de duas saídas de emergência, em caso de acidente correm o risco de morrer, imóveis, na hesitação. E com dezenas de saídas de emergência a igual distância, um homem ou um continente — além de não se salvarem — ficarão loucos.

2

Versos

Os versos de Hölderlin:
«Difícilmente abandona
o seu lugar aquele que mora perto da origem.»
E o comentário de Heidegger a estes versos:
«De modo inverso, quem facilmente abandona
o lugar comprova que não tem origem e
se limita a estar presente como que por acaso.»



Velocidade

A síntese do homem contemporâneo, do europeu que pode decidir e agir — é a do Homem com Pressa dentro de Um Elevador.

A angústia de ter pressa e músculos e energia capazes de acelerar, mas estar dentro de um Recipiente que tem uma velocidade pré-determinada e que não altera a sua velocidade.



A sensação é a de que entre a sociedade e cada um dos elementos que a constituem se começa a cimentar uma dessincronização essencial das velocidades. O Recipiente com motor onde nos colocaram nunca tem a velocidade de que precisamos. Mas já não somos nós que fazemos juízos sobre o Recipiente, é o Elevador que nos julga. É o mecanismo do ascensor que diz ao Homem com Pressa dentro de Um Elevador: estás com pressa a mais, acalma-te.

Estamos sempre ou demasiado rápidos ou demasiado lentos. A nossa velocidade torna-se culpada. A sociedade parece exigir sempre, em qualquer circunstância, uma outra velocidade.

És culpado porque não acertaste na velocidade.